

Libra sugere transformação de empréstimos em capital

São Paulo — Capitalizar a dívida externa, isto é, transformar empréstimo em capital de risco, certamente não é a solução global para o problema da dívida externa, mas pode ajudar a atenuar esse problema. Nas contas do gerente-geral do Libra Bank no Brasil, Igor Cornelsen, o país tem um potencial de "abatimento" da dívida externa, com sua conversão em capital de risco, da ordem de 4 bilhões de dólares ao ano. Entretanto, não está conseguindo passar dos 300 milhões por culpa das restrições às conversões e, sobretudo, à extrema normatização da economia.

O Libra Bank — um banco de investimento inglês que tem 10 grandes bancos internacionais como seus acionistas — vive basicamente da América Latina. Até um passado bem recente — 1982/83 —, trabalhou na captação de recursos de bancos e empresas interessadas em investir na região. Da erupção da crise da dívida externa — ocorrida em 1982 — para cá, está na outra mão: antes, procurava quem queria investir no subcontinente americano; agora, procura quem quer "desinvestir". Exemplo: um certo banco tem créditos com cinco países da América Latina, empregou a cinco países latino-americanos, mas enjoou de quatro desses países e quer concentrar seus negócios em apenas um. Então, o Libra vende para esse banco todos os créditos

que tem na sua carteira contra aquele país no qual o banco está interessado.

Na outra, ele compra os créditos do mesmo banco com os quatro outros países do qual a instituição se desinteressou. Sua atuação de **broker** (corretor) não se limita à América Latina: se um banco quer, definitivamente, sair da região e investir na Polônia, por exemplo, o Libra compra seus créditos latino-americanos e lhe vende créditos poloneses.

— O Libra atua como um corretor: compra e vende empréstimos com deságio; procura vendedores e compradores de empréstimos, tratando de conciliar interesses — diz Cornelsen.

Nessa atividade, o Libra fez, no ano passado, 1 bilhão 191 milhões de dólares em negócios de compra e venda de empréstimos e conversões de dívidas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Equador, México, Peru e Venezuela, operando com 120 bancos e companhias de 27 países.

O Brasil, segundo Cornelsen teve uma participação muito pequena naquele montante, no que se refere à conversão ou capitalização de empréstimos. Mas sua participação foi "significativa" nas compras e vendas de empréstimos entre instituições financeiras. Os números, Cornelsen confessa que não tem como controlar.